

DO MAR DE LOS XARAYES AO COMPLEXO DE ÁREAS PROTEGIDAS DO PANTANAL MATO-GROSSENSE

OF THE SEA OF LOS XARAYES TO THE COMPLEX OF PROTECTING AREAS OF THE PANTANAL MATO-GROSSENSE

Nely Tocantins ²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo mostrar a relação histórica e geográfica que o Complexo de Áreas Protegidas que corresponde ao Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense juntamente com as Reservas Particulares do Patrimônio Natural Penha, Acurizal e Doroché, situa-se na região da primeira ocupação espanhola no Pantanal. A imensa planície inundável, situada no interior da América do Sul, hoje denominada Pantanal, foi originalmente território de diversas nações e povos indígenas, que por meio do Tratado de Tordesilhas, em fins do século XV, tornou-se propriedade da Coroa Espanhola, passando a ser “notícia” e a Bacia do Rio Paraguai passou a fazer parte das fabulosas histórias contadas sobre a América. O Puerto de Los Reyes, localizava-se na “laguna Yaiba”, hoje Baía Gaiva, na região denominada Laguna de Los Xarayes, passa a ter representação cartográfica a partir de 1630. O Parque Nacional do Pantanal e as Reservas do entorno, localizam-se na região do então Mar de Los Xarayes, onde ocorrem as áreas de maior inundação do Rio Paraguai. A existência, dessas unidades de conservação, passa a ser pensada após as enchentes de 1974 e comprova uma história escrita por “várias mãos”, cujos topônimos estão gravados na nomenclatura dos rios, serras, morros e lagoas. Região essa, com longa história de ocupação, foi palco de disputas de território, de doenças tropicais, de subidas e descidas das águas. Atualmente não restam mais vestígios dessa ocupação, a não ser nas narrativas de séculos passados e nos “causos” atuais, mas continuam sendo áreas de disputas e de extrema importância na região.

Palavras-chave: Mar de los Xarayes. Complexo de áreas protegidas do Pantanal. Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense. Reservas particulares do patrimônio natural. Acurizal. Penha. Doroché.

ABSTRACT: The present article has as objective to show the historical relation and geographic that the Complex of Protecting Areas that corresponds together to the National Park of the Pantanal Matogrossense with the Particular Reserves of the Natural Patrimony Penha, Acurizal and Doroché, is placed in the region of the first Spanish occupation in the Pantanal. The immense subject to flooding, situated plain in the interior of the South America, today called Pantanal, was originally

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFMT. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Geografia Agrária e Conservação da Biodiversidade do Pantanal/GECA/UFMT; Pesquisa financiada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia/MCT; Centro de Pesquisas do Pantanal/CPP. nelytocantins@gmail.com

aboriginal territory of diverse nations and peoples, who by means of the Treated one to Tordesilhas, in ends of century XV, became property of the Spanish Crown, starting to be “notice” and the Basin of the River Paraguay started to be part of fabulous counted histories on America. The Puerto de Los Reyes, beed situated in the “Yaiba lagoon”, today Bay Gaiva, in the called region Lagoon of Los Xarayes, starts to have cartographic representation from 1630. The National Park of the Pantanal and the Reserves of border, be situated in the region of then the Sea of Los Xarayes, where the areas of bigger flooding of the River Paraguay occur. The existence, of these units of conservation, passes to be thought 1974 floods after and proves a history written for “some hands”, whose we topônimos are recorded in the nomenclature of the rivers, mountain ranges, mounts and lagoons. Region this, with long history of occupation, was palco of disputes of territory, tropical illnesses, ascents and descendings of waters. Currently they do not remain more vestiges of this occupation, not to be in the narratives of last centuries and the “current causos”, but they continue being areas of disputes and extreme importance in the region.

Keywords: Mar de los Xarayes. Complex of protecting areas of the Pantanal. National Park of the Mato-grossense Pantanal. Particular reserves of the Natural Patrimony. Acurizal. Penha. Doroché.

Introdução

O parque Nacional do Pantanal Mato-grossense (Parnapm), juntamente com as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) Penha, Acurizal e Doroché, formam um conjunto de Unidades de Conservação, que, neste texto, se convencionou chamar de Complexo de Áreas Protegidas do Pantanal, assumindo o termo reconhecido pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), quando da titulação internacional dessa área como Sítio do Patrimônio Natural Mundial no ano de 2000, sendo também área núcleo da Reserva da Biosfera.

O complexo formado pela Planície Pantaneira e a Serra do Amolar, na divisa dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, junto à fronteira com a Bolívia, compõe um dos maiores patrimônios de diversidade biológica no Brasil, ao associar a riqueza de espécies e processos ecológicos do Pantanal, uma das maiores áreas

de savanas inundáveis do mundo, com a Serra do Amolar, onde estão representados desde ecossistemas de planície até campos de altitude a cerca de 900 metros de altura.

Esse complexo de áreas protegidas, com cerca de 190.000 ha, que representa 1,3% do Pantanal, está quase que totalmente situado na região fisiográfica do Pantanal ou Planície pantaneira, na Bacia do Alto Paraguai (BAP), na borda oeste do Pantanal, próximo à fronteira do Brasil com a Bolívia, no limite sudoeste do estado de Mato Grosso e a noroeste do estado de Mato Grosso do Sul, na confluência dos Rios Paraguai e Cuiabá, entre as latitudes 17°23'S e 18°02'S e as longitudes 57°00 e 57°45'W.

A imensa planície inundável, situada no interior da América do Sul, hoje denominada Pantanal, foi originalmente território habitado por diversas nações e povos indígenas, entre eles os Guarani, Payaguá, Guaxarapo, Xaraye, e que pelo Tratado de Tordesilhas, no final do século XV, tornou-se propriedade da Coroa Espanhola, passando a ser “*notícia*”, termo utilizado para

fornecer informações sobre lugares fabulosos e ainda não conquistados, no século XVI, que pudessem conter riquezas minerais ou fabulosos tesouros (COSTA, 1999).

Esses fatos atraíram grandes navegadores quinhentistas, como Juan de Solis e Sebastian Caboto, divulgadores das informações de um lugar onde existiam muitas riquezas, e, a partir dessas “notícias”, a Bacia do Rio Paraguai passou a fazer parte das fabulosas histórias contadas sobre a América (COSTA, 1999).

Todas essas informações coincidiam com a busca por terra para se chegar às populações interioranas da *Sierra de La Plata*. O lugar foi apontado para iniciar o processo de “entrada”, uma vez que em três jornadas anteriores, Domingo Martinez Irala havia observado que havia mantimentos e que os índios se adornavam com amostras de ouro e prata e haviam oferecido para servir de guias e auxiliares. Em 1542, Irala parte de Assunção com uma expedição que sobe o Rio Paraguai, adentrando o Chaco, a procura de uma rota segura para chegar às riquezas andinas, encontradas anteriormente por Francisco Pizarro, e de sua chegada em 6 de janeiro de 1543, até um Porto que denominou de *Puerto de Los Reyes*, por ser o dia de Reis, onde se localizava a “*laguna Yáiba*”, próximo à cordilheira que os espanhóis chamaram de Santa Lucía; estava habitado pelos índios Chanés, com quem logo os espanhóis se entenderam (RUBIO, 1942).

No mês de novembro daquele ano, 1543, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca retorna ao local com uma expedição exploradora, conhecida como *Gran Entrada*, de Assunção a *Puerto de Los Reyes*, contando com 400 homens, onde uma metade foi embarcada nos bargantins e a outra acompanhou às margens do rio, partindo oito dias antes dos demais. A expedição foi acompanhada por mais de mil índios embarcados em

canoas. A expedição chegou aos 25 de outubro, encontrando no povoado cerca de 800 casas muito próximas umas das outras, de terras cultivadas com produtos variados, onde os espanhóis foram bem recebidos. *Após esse período, tem início* a distribuição de datas de terras para quem quisesse povoar a região e ali se estabelecer (RUBIO, 1942; SILVA; FREITAS, 2000).

A partir de 1544, algumas expedições utilizaram *Puerto de Los Reyes* como ponto de apoio para seguir para os Andes. Existem indícios históricos de que, no local, tenha sido construída uma paliçada de proteção e mantida uma guarnição permanente com pequenas peças de artilharia, mas, a partir de 1570, com a descoberta de novas rotas para os Andes, perdem sua função estratégica, sendo, então, abandonadas (SILVA; FREITAS, 2000).

Dois séculos depois, nas primeiras décadas do século XVIII, o bandeirante paulista Antônio Pires de Campos deu notícias de avistamento do marco de pedra espanhol em sua *Breve Notícia...*, quando a região foi ocupada definitivamente pelos portugueses (SILVA; FREITAS, 2000).

Schmidl foi o primeiro a descrever essas áreas alagáveis como um lugar maravilhoso e paradisíaco, que nas cheias se transformava num imenso lago. Pela proximidade aos índios Xarayes, recebeu o nome da *Laguna de Los Xarayes*, passando a ter representação cartográfica a partir de 1630, integrando os atlas mundiais como lugar de nascimento do Rio Paraguai e caminho fluvial para o Alto Peru (atual Bolívia), onde haveria ouro e prata, sonho perseguido pelos espanhóis (COSTA, 1999).

A Laguna de *Los Xarayes* foi uma imagem que perdurou por 300 anos, começando a retrair-se



Figura 01- Ilustração da fundação de Puerto de Los Reyes em 1543, atual Baía Gaíva. Fonte: SILVA & FREITAS, 2000.

em fins do século XVIII, quando os mamelucos paulistas, ignorando os limites impostos pela linha de Tordesilhas e a nomenclatura castelhana, passam a utilizar o termo *Pantanal*, topônimo dessa região, sendo sua primeira definição encontrada, segundo os levantamentos de Costa (1999), em textos de 1727.

O Parque Nacional do Pantanal e as Reservas do entorno, atualmente, estão localizados na região do então *Mar de Los Xarayes*, (Figura 02), onde se observa a área de inundação do Rio Paraguai, trabalho realizado de comum acordo pelos Demarcadores de Limites Espanhóis e Lusitanos, em 1753 (COSTA, 1999).

A Laguna de *Los Xarayes* foi uma imagem que perdurou por 300 anos, começando a retrair-se em fins do século XVIII, quando os mamelucos paulistas, ignorando os limites impostos pela linha de Tordesilhas e a nomenclatura castelhana, passam a utilizar o termo *Pantanal*, topônimo dessa região, sendo sua primeira definição encontrada, segundo os levantamentos de Costa (1999), em textos de 1727.

O Parque Nacional do Pantanal e as Reservas do entorno, atualmente, estão localizados na região do então *Mar de Los Xarayes*, (Figura 02), onde se observa a área de inundação do Rio Paraguai, trabalho realizado de comum acordo pelos Demarcadores de Limites Espanhóis e Lusitanos, em 1753 (COSTA, 1999).

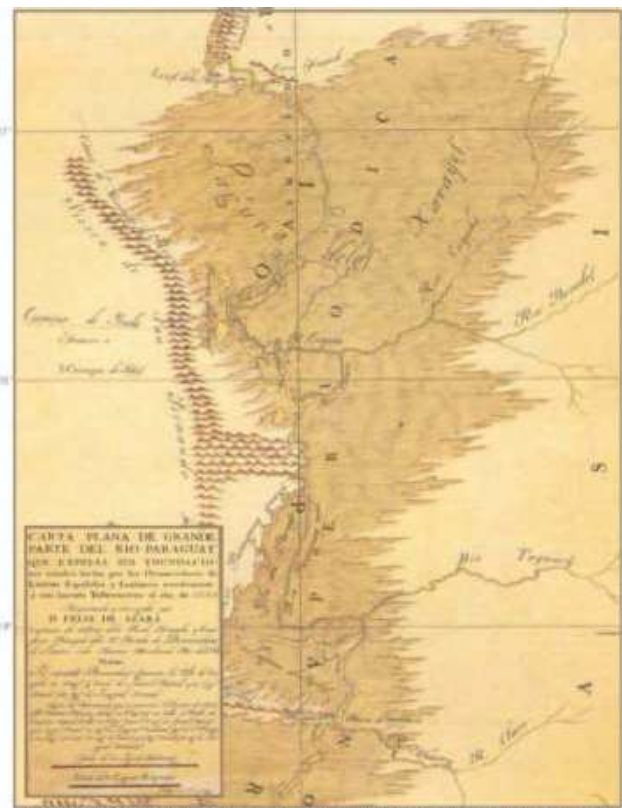


Fig 15 - Detalhe da Carta Plana de grande parte do Rio Paraguai de 1753, com a sobreposição do contorno atual de UCs no Mar de Los Xarayes. Fonte: Museu Naval, Madrid citado por COSTA, 1999, adaptado.

Figura 02 – Detalhe da Carta de grande parte do Rio Paraguai de 1753, com a sobreposição atual do contorno atual UCs no Mar de Los Xarayes. Fonte: Adaptado de Costa, 1999.

Assim, os Pantanaís, mais especificamente a região, onde estão localizados o Parque Nacional do Pantanal e as RPPN's Acurizal e Penha e Doroché,

teve sua história escrita por várias mãos, com topônimos gravados na nomenclatura de seus rios, serras, morros e lagoas, que confirmam essa influência (Figura 03).



Figura 03 - Toponímias regionais no entorno do Complexo de Áreas Protegidas. Fonte: Revista Terra, 1999, adaptado por Tocantins, 2005.

A hidrografia do complexo de Unidades de Conservação e seu entorno

O Rio Paraguai possui suas nascentes nas encostas da Serra dos Parecis, ao norte, com direção geral norte-sul (Figura 04), apresentando inflexões para sudeste e sudoeste. Em Cáceres, o Rio Paraguai recebe os Rios Sepotuba, Cabaçal e o Jaurú, três tributários da margem direita. De Cáceres, flui para o sul na direção de Descalvados, bifurcando-se a jusante em dois canais: o *Rio Paraguai* e o Bracinho, *marcando o começo do Pantanal propriamente dito*, delimitando a Ilha Taiamã, e, desse ponto em diante até Amolar, atravessa extensas áreas de lagoas (baías ou lagoas) e planícies adjacentes permanentemente inundadas.

A jusante de Porto Conceição, o rio novamente bifurca em 3 leitos: o Paraguai propriamente dito, para a

direita, o Caracará, para a esquerda, e o Caracarazinho no centro, formando a ilha do Caracará, um verdadeiro delta interior, que durante as cheias excepcionais permanece completamente submerso, e se reúne mais ao sul, próximo do Refúgio das Três Bocas. Esses braços alimentam a planície entre as localidades de Bela Vista do Norte, Três Bocas e o Rio Paraguai, numa área de aproximadamente, 1.480 Km², dos quais 400 km² estão cobertos com pequenos meandros e lagoas, mesmo durante o período de seca. O canal principal do Paraguai flui para o Sudoeste na direção de Bela Vista do Norte, junto à Morraria da Insua (CARVALHO, 1986; PONCE, 1995).

Nas imediações da Morraria da Insua e da Serra do Amolar, o Rio Paraguai interage com dois lagoas, que regionalmente recebem o nome de “baías: Uberaba e Gaíba (ou Gaíba). A maior delas, a Uberaba, localizada ao Norte da Morraria da Insua, recebe transbordamentos do Paraguai, assim como escoamento de riachos locais e do Corixo Grande, o último tributário de importância da margem direita do Alto Paraguai. (Figura 04).

A Baía Gaíba está localizada entre a Morraria da Insua e a Serra do Amolar (Figura 05). A ligação entre o Alto Paraguai e a Lagoa Gaíba é o Riacho da Gaíba, geralmente tão profundo quanto o Paraguai, excluindo-se a saída da Lagoa Gaíba, onde é extremamente raso, com uma profundidade de 0.1-0.6 m e uma largura de 2.000 m (DNOS, apud PONCE, 1995).

A ligação entre as Lagoas Gaíba e Uberaba é o Canal Pedro II, (Figura 05), com um comprimento de cerca de 30 km. A direção da corrente desse canal normalmente segue da Lagoa Uberaba para a Gaíba, mas, se a vazão for consideravelmente reduzida, a



Figura 04- Esquema da bacia hidrográfica do rio Paraguai e seus tributários. Fonte: PONCE, 1995.



Figura 05 - Detalhe das "Baías" Gaíba e Uberaba. Fonte: PONCE, 1995.

direção pode mudar (DNOS, citado por PONCE, 1995).

Antes de alcançar o Refúgio das Três Bocas, o rio se bifurca em dois canais: o Paraguai, à esquerda, e o Moquém, à direita. Antes de se juntarem novamente, bifurca-se no Ingazal, o qual se encontra com o rio São Jorge, outro braço do Paraguai. Por sua vez, o São Jorge reencontra o Paraguai imediatamente a montante de Amolar, revelando essas bifurcações o gradiente extremamente reduzido dessa seção do rio Paraguai. Na margem esquerda, o rio Cuiabá é o principal afluente do rio Paraguai, que nasce na Serra Azul, drenando uma área de quase 100.000 km² (PONCE, 1995).

A ocupação do Pantanal

Segundo Brown Jr. (1986), no Pantanal, o período de 20.000 a 13.000, foi considerado mais restrito e desfavorável à diversidade animal e vegetal, se comparado com a atualidade. O período de transição do Pleistoceno para o Holoceno (cerca de 12.000 anos antes do presente) trouxe uma radical modificação de condições sub-tropicais semiáridas para condições tropicais, com uma marcante sazonalidade. A partir dessa definição de situação, pode haver, segundo Ab'Saber (1988), um *Optimum Climaticum* nos últimos cinco ou seis milênios,

quando devem ter sido elaborados os principais contornos e ecossistemas aquáticos, subaquáticos e terrestres do Pantanal, podendo oferecer maiores condições de subsistência, como a pesca, a caça e a coleta, facultando o estabelecimento de populações indígenas pré-cabralinas, tanto em áreas de morrarias como naquelas sujeitas a inundações, ou seja, as planícies pantaneiras.

Costa (1999) demonstrou que, durante mais de duzentos anos, a vasta planície alagável figurou no imaginário europeu como uma imensa lagoa, habitada por inumeráveis povos que gozavam abundância de alimentos e de riquezas minerais, tendo sido abandonado como empreendimento pelos espanhóis, por não responder, de imediato, às buscas por minerais, como os exemplos do México, Peru e Bolívia, fato que não significou que as populações indígenas estivessem livres dos impactos da ocupação (MIGLIÁCIO, 2000).

Apenas no final do século XVIII, o Pantanal passa a ser uma possibilidade concreta de núcleos de colonização, uma vez que os principais grupos indígenas que lá viviam, Gauycurus, Paiaguás e Cadiweus, entre outros, foram massacrados e exterminados, subjugados e marginalizados, iniciando o que Nogueira (1990) chamou de processo do “branco, que virou dono, e do índio, que virou bugre”.

O reconhecimento das conquistas bandeirantes na área dos pantanais foi a criação da capitania de Mato Grosso, em 1748, e os núcleos posteriores, como o de Coimbra, em 1715, hoje Mato Grosso do Sul; em 1778, os núcleos de Vila Maria, hoje Cáceres MT; Albuquerque, atual Corumbá, e, em 1797, o núcleo de Miranda, em Mato Grosso do Sul (HIGA, 1987; MARANHÃO, 1996).

Só após essas medidas é que os exploradores, depois de várias décadas de tentativas, conseguem concretizar a efetiva ocupação do Pantanal, através do início da exploração agropecuária das sesmarias, que vinham sendo concedidas desde 1727 (HIGA, 1987). Talvez tenha sido o próprio gado, introduzido no Estado em 1737, que tenha “puxado”, com suas patas, os homens para o Pantanal (SILVA; SILVA, 1995).

Histórico da criação do Parque Nacional e Antecedentes Legais

Na década de 1970, a crescente preocupação da sociedade, sobre modificações que o ciclo natural de cheias e secas que o Pantanal vinha sofrendo, devido a atividades antrópicas, coincide com o início de um movimento, no meio científico, para a criação de uma Unidade de Conservação que protegesse uma amostra desse ecossistema. Em 28 de maio de 1971, através do Decreto nº 68.691, foi criada a Reserva Biológica do Caracará, fruto de estudos e levantamentos preliminares referentes à Portaria/IBDF nº 1.457, de 8 de maio de 1970, realizados por Heck *et al.* (1970).

A Reserva Biológica do Caracará, com cerca de 80.000 ha, localizava-se na Ilha do Cará-Cará, (Figura 06) formada pelos rios Paraguai, Alegre e São Lourenço e pelo furo do Cará-Cará, sendo constituída por terras baixas inundáveis.

Em 1974 ocorreu uma grande enchente na região, que veio modificar o regime hidrológico local, sendo que a maior parte das pastagens da Fazenda Caracará ficaram submersas permanentemente e as áreas que se mantinham secas após as enchentes não foram suficientes para dar continuidade à atividade pecuária em

regime de rotação, que necessitava da utilização de amplas pastagens nativas (BRASIL, 1994).

A Reserva Biológica permaneceu imersa de 1974 a 1978, segundo informações de Pádua e Coimbra Filho (1979), dificultando a ocorrência de várias espécies que teriam de migrar para fora da Reserva durante o período de enchente.

Em 1975 foi realizado um estudo, fruto de cooperação entre o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), através do Projeto de Desenvolvimento e Pesquisa Florestal (Prodepf) e a Universidade Federal de Viçosa - Escola Superior de Florestas (ESF), com o objetivo de criar um Parque Nacional no Pantanal Mato-grossense, considerado, na época, uma “unidade de maior importância” nas palavras de Couto *et al.* (1975).

Nessa proposta houve a recomendação de ampliação da área e reestruturação da Reserva Biológica do Caracará, que passaria, dos então 80.000

há, para uma área de 200.000 ha (figura 06), ampliando-se em 120.000 ha os 80.000 ha existentes quando da criação da Reserva.

Seis anos após a proposta, o Parque Nacional do Pantanal foi criado por Decreto Federal nº 86.392, de 24 de setembro de 1981, sucedendo à Reserva Biológica do Cará-Cará, tendo sua área ampliada, dos 80.000 ha anteriores, para 135.000 ha atuais, não atendendo, porém, a proposta inicial da área proposta, nem a inclusão de terras mais altas.

Histórico das Reservas Particulares do Patrimônio Natural e antecedentes legais

A Fundação de Apoio à Vida nos Trópicos (Ecotrópica) adquiriu em dezembro de 1995, por intermédio da The Nature Conservancy (TNC), ONG americana, as Fazendas Acurizal, com 13.665 ha, e a Penha, com 13.409 ha, num total de 27.014 ha, localizadas na Serra do Amolar.

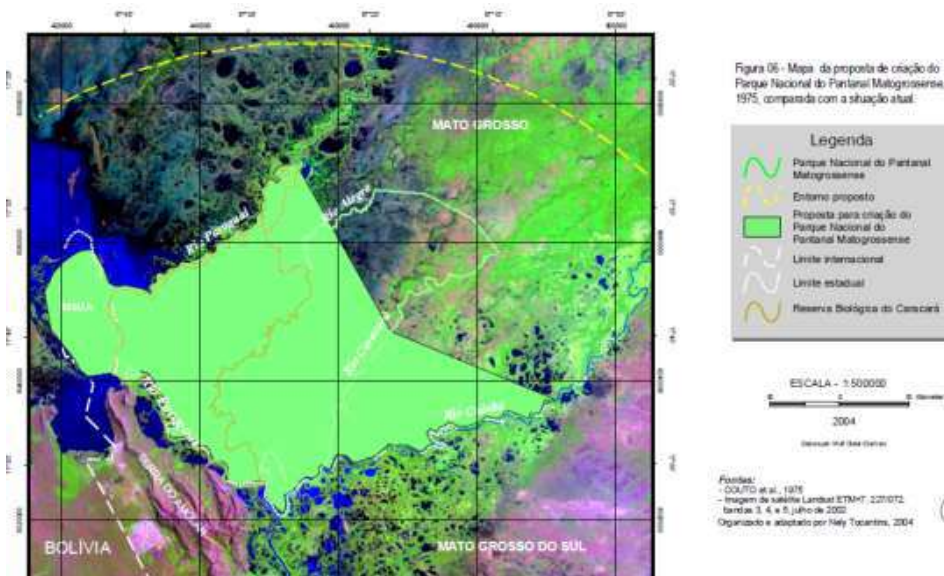


Figura 06–Mapa da proposta de criação do Parque Nacional do Pantanal Matogrossense em 1975, comparada com a situação atual. Fonte: COUTO et al., 1975, imagem satélite ETM+7, organizado e adaptado por Tocantins, 2005.

Essas áreas foram apontadas, desde a década de 70, como importantes por se apresentarem como ecótono único, formado pela transição abrupta entre os ambientes montanhosos da Serra do Amolar e pela planície inundada no Rio Paraguai.

A aquisição da Fazenda Acurizal foi indicada, em 1976, quando o então IBDF considerou importante sua aquisição para compor as áreas integrantes do projeto para a criação de um Parque Nacional. À época, fora solicitada e obtida, do Ministério da Agricultura, verba para aquisição da referida fazenda, adjacente à Reserva Biológica do Caracará, criada em 1971. Esta fazenda, possuindo terras mais altas, mantendo-se sempre fora das cheias, “beneficiaria muito a Reserva Biológica, tornando-a biologicamente viável, pois apresentava condições únicas e ímpares para o estabelecimento de uma base física permanente, onde seriam implantados: um Centro de Estudos da Flora e Fauna da Região e um Núcleo de Fiscalização e de Defesa da Flora e da Fauna Terrestre e Aquática, que estimulasse uma nova mentalidade e respeito pela natureza.” (SCHALLER *et al.*, 1977)

Em 1981, quando se criou o Parque Nacional, desconsiderou-se o estudo, que indicava a inclusão do ecossistema da Serra do Amolar e dos corredores ecológicos ao seu redor.

Em 1992 foi realizada uma Avaliação Ecológica Rápida (AER), metodologia aplicada pela TNC, nas áreas do Parque Nacional e seis áreas adjacentes, concluiu-se que a área do Parque Nacional não era suficiente para proteger adequadamente a diversidade biológica e paisagística do Pantanal, representando menos de

1% dele sob proteção oficial.

Para corrigir essa distorção, numa parceria da Ecotrópica com a TNC, são adquiridas, de fazendeiros mato-grossenses, por US\$ 2 milhões, as Fazendas Doroché, em março de 1995, e Acurizal e Penha, em dezembro desse mesmo ano, num esforço de preservação de áreas adjacentes ao Parque Nacional do Pantanal, aumentando-se em 53.792 hectares, cerca de 44% (BRASILIANSE, 2002).

O Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai (PCBAP), realizado em 1997, indicou também a criação de unidades de conservação nas áreas serranas. As Fazendas Penha e Acurizal foram reconhecidas pela Portaria nº 7, do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), em 19 de fevereiro de 1997, como Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), ambas com 13.200 hectares, descontadas as áreas reservadas às benfeitorias de 209 há, e 465 ha respectivamente, escolhidas, em geral, próximas às sedes.

Localização e limites - A Reserva Acurizal está localizada no Município de Corumbá/MS, com as seguintes coordenadas geográficas: 17°49'51”S, 057°33'06”W. Limita-se a norte com a Baía Gaiva e o Rio Paraguai; a leste, com o Rio Paraguai e, ao sul, com a Fazenda Penha (Projeto Alto Paraguai (PAP), 2003).

A Reserva Penha está situada a 17°58'43”S e 57°30'21”W, com limites descritos no Plano de Manejo das Reservas (2003), tendo o 1º marco, na divisa do lote Itacolomi, em terras particulares, e da Gleba Baía de Mandioré (conhecida por Palmital); o 6º marco corresponde à Fazenda Acurizal; o 7º, na

margem direita do Rio Paraguai, nas vizinhanças da Ponta da Baía do Morro; o 8º marco situa-se na margem direita do Rio Paraguai (lugar denominado Rondon), nos limites do Patrimônio Amolar o 9º marco, na margem direita do Corixo Ingazal.

A Reserva Doroché está situado a 17°27'08"S, 57°01'28"W, limitando ao norte com a fazenda Santa Izabel, ao sul, com a fazenda Boa Vista, a leste, com Campos do Jofre, e a oeste, com o Parque Nacional.

As duas Reservas, Acurizal e Penha estão situadas numa faixa de terra entre o Rio Paraguai e a Serra do Amolar, na borda sudoeste do Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense, que termina na parte norte, junto à Lagoa Gaíva.

Aproximadamente, um terço da área compreendida pelas Reservas consiste num Pantanal baixo, num mosaico de lagos e barreiros, campos gramados e matas de galeria que os acompanham (Plano de Manejo das Reservas, 2003).

A Fazenda Estância Doroché foi adquirida em março de 1995 pela Fundação de Apoio à Vida nos Trópicos (Ecotrópica), por intermédio da The Nature Conservancy (TNC), com área de 26.718 ha, localizada a nordeste do Parque Nacional do Pantanal.

Este território é considerado um importante corredor biológico para a fauna terrestre do Parque em seu movimento de migração, condicionado pela variação sazonal das águas. Contribui para a preservação de ambientes florísticos e faunísticos não existentes no Parque Nacional e é de fundamental importância para o aumento da biodiversidade protegida no Pantanal, uma vez que foi considerada Refúgio Particular de Animais Silvestres (Título concedido através da Portaria nº 453-P do antigo IBDF, de 12 de agosto de 1985).

Foi reconhecida como Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) pela Portaria nº 6 do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - Ibama, de 19 de fevereiro de 1997, com uma área total de 26.518 hectares, descontada a fração de 200 ha próxima à sede, que pode ser utilizada para benfeitorias (Projeto Alto Paraguai, 2003).

Essa região foi bastante ocupada, sendo palco de disputas pelo território, de doenças tropicais, de subidas e descidas das águas etc., mesmo que atualmente não restem mais vestígios, a não ser nas narrativas de séculos passados e nos “causos” atuais, continuam sendo áreas de extrema importância para o seu contexto.

Referências

AB'SABER, A.N. O Pantanal Mato-grossense e a teoria dos refúgios. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 50 (número especial, v. 2), 1989, p. 9-57.

BRASIL. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense: plano de ação emergencial (PAE)*. Cuiabá: 1994.

BRASILIENSE, R. *Pantanal de ONG's*. Disponível em <http://www.amazonpress.com.br/meioambiente/dedoc/amb23062000>, acessado em 20/06/2002.

BROWN JR. Zoogeografia da região do Pantanal Mato-grossense. **Simpósio sobre recursos naturais e socioeconômicos do Pantanal**. *Anais...* Corumbá (Série Documentos, 5) Brasília: Embrapa, 1986, p.137-178.

COSTA, M. F. *História de um país inexistente; o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo Kosmos, 1999.

COUTO, E. A.; DIETZ, J.M.; MUNFORD, R. WTTWERBERG, G.B. *Sugestões para a criação do Parque Nacional do Pantanal*. Viçosa: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF)/UFViçosa, 1975.

HECK, G. A.T.; JORGE, J.C.; CARVALHO, W.D.; BARROS, P.N. *Estudos e levantamentos preliminares visando ao estabelecimento de uma reserva natural no Pantanal Mato-grossense*. IBDF Relatório referente à Portaria nº 1.457 de 08/05, 1970.

HIGA, T.C.C.S. *Aspectos da organização do espaço num trecho do Pantanal de Poconé- Mato Grosso*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Rio Claro, IGCE/UNESP, 1987.

MARANHÃO, V.A. *Pantanais mato-grossenses: da caça e pesca ao ecoturismo: Análise do desenvolvimento turístico*. 1996. *Dissertação (Mestrado em Geografia)* – UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

MIGLIÁCIO, M.C. *A ocupação pré-colonial do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso: uma leitura preliminar*. 2000. *Dissertação (Mestrado em Arqueologia)* FFCLH-USP Museu de Arqueologia e Etnologia, 2000. 2 v.

PLANO DE CONSERVAÇÃO DA BACIA DO ALTO PARAGUAI-PCBAP. *Projeto Pantanal, Programa Nacional do Meio Ambiente*. Brasília: PNMT, 1997.

PLANO DE MANEJO DAS RESERVAS PARTICULARES PENHA, ACURIZAL E DOROCHÊ. *Projeto implementação de práticas de Gerenciamento integrado de Bacia Hidrográfica para o Pantanal e Bacia do Alto Paraguai* ANA/GEF/PNUMA/OEA, EBERHARD, G. (Coord.), 2003.

PONCE, V. M. *Impacto hidrológico e ambiental da Hidrovia Paraná-Paraguai no Pantanal Mato-grossense: um estudo de referência*. San Diego, Califórnia: San Diego State University, 1995.

PROENÇA, A.C. *Pantanal: gente, tradição e história*. 2. ed. Campo Grande: EdUFMS, 1990.

RUBIO, J. M. *Exploración y conquista del Río de la Plata: siglos XVI y XVII*. Barcelona-Buenos Aires: Salvat, 1942.

SHALLER, G. et al. *Estudos bioecológicos da Fauna do Pantanal de Mato Grosso*. IBDF/FBCN/NY Zoological Society patrocínio CNPP (Exp. 1/77), dez. 1977.

SILVA, C. J.; SILVA, J. A. F. *No ritmo das águas do Pantanal*. São Paulo: USP/NUPAUB, 1995.

SILVA, J.S.V.; & ABDON, M.M. Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas sub-regiões. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*. v. 33, p. 1.703-1.711, 1998.

SILVA, P.P.C.; FREITAS, M. *Quadros históricos de Mato Grosso: período colonial*. Cuiabá: SEC/Governo do Estado de Mato Grosso, 2000.